

TÚMULOS INVIOLÁVEIS

ALMEIDA, Maria Elizabete Dias.
Magistério, Graduada em Letras e Pós Graduação em Gestão Escolar.

RESUMO

O presente artigo “TÚMULOS INVIOLÁVEIS”, enfoca os questionamentos que muitos educadores fazem quanto o para quê dos relatórios. Expõe a essência das avaliações no processo contínuo de Ensino Aprendizagem cuja finalidade é de fomentar reflexões e ações imediatas da equipe gestora da Educação.

Palavras-chave: Avaliação. Aprendizagem. Gestão.

TÚMULOS INVIOLÁVEIS

Quem acompanha a educação, por pelo menos a duas décadas, pode se transpor para os momentos de início dos anos letivos. Planejamento, cursos, confecção de material didático, ornamento de sala... A ilusão que se tem é que educandos estão no ponto. Como um bolo dourado, fofo, à espera de ser fatiado. O discente é recebido pela escola literalmente em série, mesmo que se aborde a palavra ciclo. Um ciclo seriado, uniformizado, individualizado. A preparação é superficial, pois o currículo não é fundamentado mediante as habilidades adquiridas ou não desenvolvidas pelo educando. Na realidade, educadores demoram a se situarem, pois vão vendados pela escola e entram em sala de aula sem conhecer a realidade dos seus alunos. São designados a pisarem em terrenos cheios de incógnitas. Navegam anos e anos sem direito ou incentivo a usarem mapas. E assim, quando descobrem sozinhos as dificuldades da sua clientela, já houve um relevante desgaste de tempo. A vida sobre a progressão do discente é guardada dentro de arquivos que, coletivamente, foi assimilado ser intocável. Só diz respeito ao corpo administrativo escolar. Antes o rendimento dos nossos discentes era medido por números e percentuais. Hoje, com muita resistência, isso foi transformado em desenvolvimento de habilidades. Só que mesmo sendo observadas as competências, não há nenhum apoio referente ao educando e



educador que descobre um talento inusitado de seu discente. Ele pode esculpir muito bem, ter uma percepção em designer, ou facilidade em montagem, desenhos e outras expressões artísticas que não são reconhecidas e nem avaliadas como subsídio para projetos que contemplem metas de trabalho e de aprimoramento para sua fase adulta. A educação foca na leitura e escrita, a criança ou o adolescente não encontram estímulo que desenvolva a psicomotricidade para o desencadeamento do processo de ensino aprendizagem que culmine em sua alfabetização. As práticas das políticas educacionais estão longe de alcançar êxitos significativos, porque não prioriza a regência de sala. A educação não é como a medicina que o diagnóstico é de interesse do paciente e médico. Na escala que envolve direção, coordenação e a articulação, o regente de sala não é respeitado. É o último a ter informações, a começar pela vida escolar daqueles que têm a incumbência de ministrar aulas. Segundo Cipriano Luckesi (1999, p.172) *A avaliação tem como função subsidiar resultados satisfatórios. A avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de uma ação, subsidiando sempre sua melhora.* Se a avaliação consiste em um pré-requisito indispensável à investigação, porque não se prioriza esse recurso para intermediar o trabalho do educador? Sendo a avaliação uma ferramenta básica para a instrumentalização de metas, cabe à escola fornecer essas avaliações para que o educador monte seu esboço de trabalho, porque se o educando já tem um ou mais anos de escolaridade é essencial que nesse período seja ele qual for, que a escola tenha o registro sobre as habilidades alcançadas por esse educando e que através disso o regente da sala possa traçar metas de trabalho. Como cita Pedro Demo (1999, p.19),... *avaliar para garantir o direito de aprender, quer dizer, instrumentar o caminho de resgate a causa.* O que acontece na educação não condiz com as teorias propostas. O educador é passivo de um planejamento ritualístico que, ao invés de suporte ao rendimento do seu trabalho, acaba adiando a sua ação. Anterior a qualquer projeto, as políticas pedagógicas da escola precisam ser pautadas em um dos principais recursos que são os últimos dados avaliativos feitos com os discentes. Quer dizer: desengavetar esses dados para novas propostas e metas de trabalhos, porque elas são recursos indispensáveis a uma precisa abordagem de conteúdos. Pois o docente vai perceber que o discente está com etapas queimadas. Ele ali volta como um pintor caprichoso, passando a massa corrida sobre a tinta, polindo, para assim tentar fazer o



acabamento que é o chamado cumprimento do currículo. O desgaste do educador é muito grande. Tudo pode ser simplificado se o docente for respeitado e responsável pela sua prática. Há muita hierarquia na educação. Quando tiver mais para fazer e poucos para observar teremos os êxitos esperados. Que o progresso dos educandos e educadores não sejam túmulos visitados ou iluminados só em “Dias de Finados”.

REFERÊNCIAS

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DEMO, Pedro, 1999. **Metodologias da avaliação: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas**. Campinas: Autores Associados.

